

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

GABRIELA LUIZA DOS SANTOS

O ANJO QUE SE VESTIA DE PRETO
Reportagem de cunho biográfico sobre a vida de padre Avelar

Produto jornalístico

Mariana
2018

GABRIELA LUIZA DOS SANTOS

O ANJO QUE SE VESTIA DE PRETO

Reportagem de cunho biográfico sobre a vida de padre Avelar

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Agnes Francine de Carvalho Mariano

Mariana
2018

S237a Santos, Gabriela Luiza dos.
O anjo que se vestia de preto [manuscrito]: reportagem de cunho biográfico sobre a vida de Padre Avelar / Gabriela Luiza dos Santos. - 2018.

27f.:

Orientador: Prof.ª. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Padre Avelar (José Dias Avelar), Padre - Biografia - Teses. 2. Reportagem em forma literária - Teses. 3. Biografia. I. Mariano, Agnes Francine de Carvalho. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 929 Padre Avela

Catálogo: ficha@sisbin.ufop.br

Gabriela Luiza dos Santos

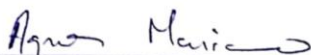
Curso de Jornalismo – UFOP

O ANJO QUE SE VESTIA DE PRETO

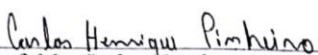
Reportagem de cunho biográfico sobre a vida de Padre Avelar

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano



Prof. Me. Carlos Henrique Pinheiro



Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana, 08 de fevereiro de 2018.

A Deus, que me trouxe aqui.
Aos meus pais, que permitiram que eu seguisse meus sonhos.
A Emmanuel, a razão de eu segui-los.
E a memória de padre Avelar, que me inspirou durante os tempos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amparo e a quem tudo devo, e a Nossa Senhora das Graças, que intercede por mim há muito tempo. Aos meus pais, João e Margarida, que vencem essa luta comigo, pelo amor e auxílio em todos esses anos. Aos meus tios, em especial a Mário e Esperança, que incentivaram e possibilitaram meus estudos desde o começo. As minhas avós, de modo especial a Maria Aparecida – na qual me inspiro todos os dias. Aos meus irmãos, Rafael e Rodolfo, que sempre estiveram comigo. Aos moradores de Mariana que me acolheram, em especial a Dona Beth, Seu Waltinho, Lydia, Helder e Dona Cici. Vocês fazem Mariana valer a pena! A minha amiga Lorena, presente concedido por Santa Rita de Cássia, que tornou mais leve os desafios dessa graduação. A Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em especial ao Cônego Nedson, por acreditar no meu trabalho. A minha segunda família, Dona Beth, Dona Maria, Seu João e Matheus, que me acolhem com carinho e paciência no Rio de Janeiro e cuidam de mim mesmo à distância. A todos que dedicaram seu tempo para me contar a vida incrível de padre Avelar. A Universidade Federal de Ouro Preto, que me iniciou no jornalismo. Aos professores do curso que se empenharam para que eu aprendesse, em especial a André Carvalho, Ricardo Augusto e Fred Tavares – que me apresentou ao mundo editorial. Agradeço, principalmente, ao professor Adriano Medeiros, que me orientou na primeira etapa desse trabalho. Obrigada por acreditar no meu potencial! A minha orientadora, Agnes Mariano, pelas ideias brilhantes, compreensão e, principalmente, pela paciência. E, finalmente, de forma especial, agradeço a quem tornou esses quatro anos possíveis: meu Emmanuel, prova de Deus na minha vida. Sem você não estaria aqui.

Se não podes entender, crê para que entendas. A fé precede, o intelecto segue.

Santo Agostinho

RESUMO

Padre José Dias Avelar mudou a educação de Mariana. Desde que assumiu a direção do Colégio Dom Frei Manoel da Cruz, padre Avelar trouxe oportunidades de estudo para os moradores. Diante da sua importância para a história cidade, esse trabalho pretendeu narrar em uma grande reportagem de cunho biográfico a sua vida e o legado que deixou: o prédio construído por ele, onde hoje está instalado o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Palavras-chave: padre Avelar; reportagem; biografia.

ABSTRACT

Father José Dias Avelar changed Mariana's education. Since taking over the direction of the Dom Frei Manoel da Cruz School, Father Avelar has brought opportunities for study to the residents. In view of its importance for city history, this work was intended to narrate in a great biographical report his life and the legacy he left: the building he built, where today is installed the Institute of Applied Social Sciences, Federal University of Ouro Preto.

Keywords: father Avelar; reporting; biography.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
2 Reportagem	11
2.1 A biografia como reportagem no Jornalismo	14
2.2 A grande reportagem de cunho biográfico	15
2.3 Entrevista: essência da reportagem	16
3 Plano de Trabalho	19
3.1 O personagem: quem foi padre Avelar.....	19
3.2 Apuração	20
3.3 Texto, diagramação e fotos	23
4 Considerações Finais	25
5 Referências	27

1. INTRODUÇÃO

Conhecemos a história do padre José Dias Avelar durante um trabalho para o jornal da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, no dia 8 de maio de 2016, quando a sobrinha dele, que mora em Montes Claros (MG), foi doar algumas fotos do padre para a igreja. Foi nesse momento, com quase três anos de estudo na Universidade Federal de Ouro Preto, que percebemos que mesmo estudando nas salas construídas por ele, nunca havíamos realmente parado para pensar em quem ele poderia ter sido.

Padre Avelar foi um dos precursores da educação na cidade de Mariana e ficou conhecido, principalmente, pela construção da sede do Colégio Dom Frei Manoel da Cruz, que possibilitou novas turmas e, mais tarde, cursos de especialização para os marianenses que, na década de 1950, não tinham muitas opções de estudo dentro da própria cidade. Ele nasceu no dia 28 de agosto de 1898, em Lagoa Santa, cidade próxima a Belo Horizonte, e faleceu no dia 9 de junho de 1991, em Mariana, lugar que se tornou o seu lar a partir de março de 1946.

Ao todo, foram 45 anos dedicados à cidade de Mariana, como professor do Seminário Maior São José, diretor espiritual dos seminaristas, professor e diretor de alunos de ensino primário e secundário e pároco da paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana.

Hoje, o padre é lembrado por dar nome ao prédio que ele próprio ajudou a construir, nome a uma rua em Cachoeira do Brumado, por uma comenda de mérito cultural entregue a moradores de Mariana e, ainda, por um Centro de Educação Municipal. Na época em que era vivo, ele recebeu o título de cidadão honorário da cidade de Mariana e, na escola, a alcunha de “o único anjo que se veste de preto”, criado pela professora Hebe Rola. A frase, que foi adaptada para dar nome à grande reportagem, fazia referência à santidade do padre e ao uso cotidiano da batina preta destinada aos sacerdotes, que representa a morte para o mundo.

Pelo seu papel relevante para a cidade de Mariana, além do fato de ser considerado santo por alguns moradores, padre Avelar se tornou personagem dessa pesquisa, que resultou em um produto jornalístico. Para isso, buscamos atrelar as memórias das pessoas que conviveram com o padre, somadas às cartas e documentos que falam dele, para reconstruir sua história em uma grande reportagem de cunho biográfico.

No primeiro capítulo deste trabalho, buscamos o conceito desse produto jornalístico e de sua modalidade biográfica. Dentro dele, estabelecemos as ideias para a realização das

entrevistas e construção do texto. No segundo capítulo, exploramos a vida do ator social no âmbito religioso, na relação com a comunidade e na educação e relatamos como foi o processo de construção da grande reportagem.

2. REPORTAGEM

Um gênero jornalístico privilegiado – assim Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari definem a reportagem. Seja na televisão, no jornal ou na revista, a reportagem se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. “E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 9).

A narrativa não é privilégio da ficção (Ibid., p. 11). As perguntas essenciais do jornalismo (quem, o quê, como, onde, quando, por quê) constituem uma narrativa conduzida por situações do dia-a-dia e quando ganham forma no papel, tornam-se reportagem.

Sem um “quem” e um “o quê”, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática da narrativa. [...] A humanização do relato, pois, é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador. Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato foi feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15).

É demonstrando sensibilidade ao assunto que o repórter consegue a humanização referida pelos autores. É preciso que, no processo de escrita, o repórter assuma o seu papel de ponte, que liga o acontecimento ao leitor. “Mesmo não sendo em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação”. Mesmo com esse tom, é importante destacar a necessidade do relato ser preciso, sempre aliado aos fatos e referências.

É dessa forma que uma reportagem garante as principais características de uma reportagem, defendidas por Sodré e Ferrari: a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; d) objetividade dos fatos narrados. Segundo eles, ainda que em determinado momento uma ou outra característica prevaleça, a

narrativa sempre estará presente. “Ou não será reportagem” (p. 15).

Segundo Jorge Pedro Sousa, o objetivo de uma reportagem é informar com profundidade e exaustividade (2001, p. 259). Diferente da notícia, da qual a reportagem é uma extensão (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.11), neste gênero é importante imergir o leitor na história, por meio da contextualização e aprofundamento do tema escolhido. Para isso acontecer, é preciso destacar um fator importante, que distingue a reportagem de outras modalidades do jornalismo: o tempo. Jorge Pedro Sousa reforça que por não sofrer com as pressões do tempo como a notícia, a reportagem permite uma maior interpretação pessoal do assunto por parte do jornalista.

Embora a reportagem não prescindia da atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. Um fato recente, um assunto polêmico ou perfis de pessoas em destaque – todos poderão ser temas de reportagens, mas só no primeiro caso haverá exigências mais severas quanto à atualidade. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18)

A reportagem pode assumir diferentes formas, a depender do assunto e da maneira que será abordada. Para Jorge Pedro Sousa, elas podem ser divididas em quatro tipos: de acontecimento, de personalidade, temática e mista. A de acontecimento refere-se ao que o próprio nome diz, mas também à sua conjuntura, consequências e pessoas envolvidas. A reportagem de personalidade – escolhida para a abordagem deste trabalho – relata a vida de uma pessoa. A temática busca um determinado assunto e pode integrar elementos da reportagem de acontecimento e de personalidade. A reportagem mista integra todas as modalidades anteriores, mas sem privilegiar nenhuma delas.

Baseados na ideia de Tchekhov, contista e jornalista russo, Sodré e Ferrari, que consideram a reportagem como o conto jornalístico, afirmam que as características que, segundo Tchekhov, um conto deveria ter, são igualmente importantes para a construção de uma reportagem, são elas: força, clareza, condensação, tensão e novidade. “As três últimas características são fundamentais para instaurar a primeira: força. Quanto à clareza, é necessária em todo o texto, ainda que fraco” (Ibid., p. 76).

A força é a característica que faz com o que o leitor chegue até o fim da narrativa. Segundo os autores, para obter esse resultado é necessário selecionar bem os elementos da reportagem, que combinados podem atrair quem lê pela emoção ou pela razão (p. 75). Sodré e Ferrari definem a clareza como a objetividade narrativa, que evita o excesso de detalhes e,

consequentemente, a força do texto.

A condensação, nada mais é que a síntese, a supressão de elementos supérfluos. A tensão é o recurso que leva ao clímax da história, criando um suspense que mantém a curiosidade do leitor. A novidade pode estar ligada a um acontecimento inédito ou também a uma percepção diferente de um mesmo assunto. É, em suma, uma abordagem inédita de determinado conteúdo.

Além do tipo, as reportagens podem ser classificadas pelo tamanho, que são dois: o da reportagem comum, denominada curta, e o da grande reportagem, que pode ocupar várias páginas de um jornal ou de uma revista, podendo ser divididas em subtemas (SOUSA, 2001, p. 262).

A grande reportagem é uma narrativa ampliada, um modo do jornalista ir além do que Ricardo Kotscho define como “o arroz com feijão dos jornais”. Segundo ele, essas reportagens estão desaparecendo porque, além de custarem caro na fase de produção, ocupam muito espaço. “E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história” (KOTSCHO, 2009, p. 71).

É possível que desde a época da afirmação de Kotscho até os dias atuais, com a expansão da Internet, a situação tenha mudado. É cada vez mais comum ver grandes reportagens nos meios de comunicação atual, como em sites de jornais. Um exemplo é a reportagem *Líquido e incerto – o futuro dos recursos hídricos do Brasil*, publicada em 2015 pela Folha de São Paulo e que foi vencedora do Prêmio da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Os repórteres Marcelo Leite, Lalo de Almeida, Eduardo Geraque, Fernando Canzian, Rafael Garcia e Dimmi Amora mostraram o despreparo do país diante das mudanças climáticas que ocasionaram secas em São Paulo, no semiárido nordestino e inundações no Rio Madeira, que fica na região norte do Brasil.

A exploração massiva do assunto, a busca por todos os seus ângulos e a extensa lista de fontes tornam a grande reportagem, no “mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício” (KOTSCHO, 2009). Mas só amor não basta. O autor reforça que a responsabilidade de um jornalista na grande reportagem é muito grande e, por isso, recomenda as estratégias de ler tudo o que já foi publicado sobre o tema, principalmente para não repetir uma história já contada. Fazer um roteiro é outra recomendação que ele atesta ser essencial. Por ele, o repórter se guiará e “o que vier a mais, de imprevisto, é lucro” (KOTSCHO, 2009, p. 72)

2.1 A biografia como reportagem no Jornalismo

A biografia sempre esteve inserida no gênero literário. Na Antiguidade, século II d.C., Plutarco escrevia sobre personalidades da Grécia e de Roma e esse tipo de relato era visto apenas como literatura. Na Idade Média, permanecia comum a escrita de biografias de personalidades públicas – como as hagiografias, biografias de santos. Segundo Fonseca e Vieira (2011), os historiadores mantinham as biografias no contexto literário por causa do “caráter romanesco dos textos” (2011, p. 103).

Em 1980, a historiografia voltou-se para o particular com o intuito de compreender o geral e assim “a subjetividade antes vista como um problema adquire valor de objeto do pensamento científico com a utilização da história oral na formação de fontes” (2011, p. 104). Com isso, hoje, a biografia mantém raízes no gênero literário, mas já não é mais considerada apenas literatura. Para Fonseca e Vieira, além da mescla entre esses dois tipos, há o terceiro, denominado jornalismo.

O jornalista traz para a construção do projeto biográfico os referenciais epistemológicos do seu ofício. O “eu” jornalista dá lugar a um “eu” biógrafo, personalidade de identidade ambígua que abriga o jornalista e o escritor. Para o jornalista, enquanto biógrafo, a biografia é um produto de consonância e dissonância entre o factual e o ficcional, e a subjetividade do relato biográfico e o como dizer esta narrativa se interpõem como imbricações conflitantes do fazer biográfico, como na historiografia. Dosse (2009) exemplifica esse tensionamento mostrando o caso de Jean Lacouture, jornalista francês que se sagrou “profissional da biografia”. Segundo o autor, esse jornalista fez da escrita biográfica um ofício ao traçar a vida de personagens como o general De Gaulle e, por meio dela, criou um modelo de produção em que os limites entre história e jornalismo se sobrepõem, em uma intersecção distinta. (FONSECA; VIEIRA, 2011, p. 105)

As autoras afirmam que o interesse da área jornalística na biografia deve-se ao fato de os jornalistas verem nela a possibilidade para a construção de reportagens de fôlego, a fim de descobrir as “trajetórias de vida de personagens que fazem parte do imaginário coletivo, seja nas artes, na política [...]” (Ibid., p. 106). Fonseca e Vieira relatam que foi inspirado no modelo do francês *Lacouture*, que jornalistas brasileiros começaram a escrita biográfica no país. Alberto Dines foi o pioneiro no Brasil, com o livro *Morte no Paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*. Segundo o site da Editora Rocco, a obra tornou o autor o guardião do legado de Stegan Zweig, um escritor e biógrafo austríaco, de origem judaica, que se exilou no Brasil após a ascensão de Hitler. Ainda segundo a editora, o livro é “um retrato de um mundo em transformação, e uma biografia do próprio Brasil na Era Vargas”.

Depois de Alberto Dines, outros jornalistas brasileiros escreveram biografias, como Lira Neto, que contou a vida da cantora Maysa Matarazzo e, em 2011, a história de Padre Cícero, religioso que atrai devotos até Juazeiro do Norte, no Ceará. Para Fonseca e Vieira, durante a produção, essas biografias são transformadas em acontecimento jornalístico, o que influencia na construção do texto em formato de notícia.

Uma biografia enquanto produto jornalístico retrata além da vida do biografado, o contexto vivido por ele. Assim, como a vida de Zweig relata a Era Vargas, a do padre Avelar relata a educação de Mariana. Na época em que padre Avelar assumiu a direção do colégio, Mariana ainda caminhava para que a educação deixasse de ser um privilégio concedido a poucos, como verificamos em um provável relatório da Escola Dom Frei Manoel da Cruz, concedido pela Congregação da Missão, a qual o Padre Avelar pertencia.

Anteriormente ao Dom Frei, - é humilhante dizê-lo e difícil de acreditar, - não havia oportunidade para os jovens, - sobretudo se eram pobres. Foi a primeira oportunidade que tiveram para "continuar os estudos", como dizem. E, naturalmente, com o estudo veio a educação e com a educação maior ligação entre as várias classes sociais [...]¹

2.2 A grande reportagem de cunho biográfico

O trabalho de um biógrafo, segundo François Dosse, muitas vezes é identificado ao labor do beneditino. A intensa procura pelas informações que esclarecem a vida de um estranho, transformam essa escolha em sacerdócio. “O biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar” (DOSSE, 2009, p. 14)

Dosse narra o processo de escrita de um biógrafo, a partir da visão de Claude Arnaud, francês que escreveu sobre a vida de Jean Cocteau. Segundo ele, depois de alguns meses de pesquisa, o biógrafo passa a se nutrir da força do biografado e “graças a uma estranha transferência, o biógrafo passa a ser o hospedeiro deste último” (Ibid., p. 15)

Em determinado momento, o biógrafo não tolera mais o que Dosse chama de “excesso de vitalidade” e, por isso, faz escolhas drásticas e dolorosas, aceitando as falhas e, principalmente, as lacunas da história, que são preenchidas com a dedução lógica ou imaginação.

A relevância dos trabalhos realizados por padre Avelar na cidade de Mariana fez com que visualizássemos motivos para que a sua história fosse contada. Descobrir qual foi a trajetória para o padre conseguir o que antes ninguém havia conseguido – facilitar a educação

¹ Fonte: Arquivo da Província Brasileira da Congregação da Missão, consultado em 13 de julho de 2016

na cidade – e entender por qual motivo ele é chamado de santo foram questionamentos realizados no início desse trabalho. Questões tão amplas não seriam respondidas em pequenas linhas. Para entender como o padre conseguiu promover a educação na cidade, era necessário entender quem era o padre e por qual motivo dava tanto valor a educação.

Seria impossível narrar quem foi José Dias Avelar, sem narrar os pormenores de sua vida, como a sua infância pobre. As respostas desses questionamentos precisavam ser bem exploradas e, por isso, uma grande reportagem traduziria quem foi padre Avelar. Um texto longo e detalhado foi necessário para contar sua vida longínqua, que chegou aos 93 anos de idade.

Para a criação dessa reportagem buscamos os fatos importantes da vida do personagem, seguindo o que Vilas Boas define como a primeira etapa essencial de uma biografia. “A primeira é a da coleta de informações factuais sobre a jornada do personagem: suas ações, palavras, seus pensamentos, os lugares e rostos por meio dos quais ele se movimentou” (VILAS BOAS, 2002, p. 130).

Levando em consideração que biografia, segundo Vilas Boas, é o recorte de uma vida, não ela própria, “um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de uma vida” (VILAS BOAS, 2002, p. 136-137), escrevemos a reportagem cientes de que essa é a nossa interpretação sobre quem foi padre Avelar, assim como Peter Guralnick, autor de *The last train to Memphis: the rise of Elvis Presley* (1994), disse ser a **sua** história de Elvis Presley e não **a** história. (GURALNICK apud VILAS BOAS, 2002).

2.3 Entrevista: essência da reportagem

Baseado na frase de Acácio Ramos “Repórteres, meu senhor, são pessoas que perguntam” (RAMOS apud DANTAS, 2004), Audálio Dantas introduz o livro *Repórteres* com a explicação de que saber o que perguntar é ainda mais importante para o exercício da profissão.

A fim de cumprir a recomendação de Dantas, optamos por circunstâncias de realização das entrevistas que Lage define como ocasionais e dialogais. Ambas buscam a naturalidade e, com isso, conseguem “respostas mais sinceras ou menos cautelosas do que se houvesse aviso prévio” (LAGE, 2011, p. 75) e não se limitam a tópicos, permitindo o detalhamento e aprofundamento. Essa abordagem permite o que Lage define como a melhor atitude em entrevistas: prestar atenção e interferir somente no que for necessário (2011, p. 58).

Nesse contexto, Oyama (2013) também considera a escuta como a parte mais importante. Para ela, saber ouvir implica em “esquecer quem você é, o que sabe, o que pensa sobre o assunto em questão” (2013, p. 30) e voltar a atenção apenas para quem está a sua frente. Segundo a autora, o risco de não seguir essa recomendação é deixar passar informações relevantes que poderiam se tornar notícia.

Ela também destaca a conquista da confiança como um dos principais passos que devem ser dados pelo repórter. Ao demonstrarmos o que Oyama define como “genuína curiosidade” (p. 31-32) na pessoa ou no assunto, estimulamos o entrevistado a falar mais do que estava disposto. A fim de atender a essa hipótese, iniciamos as entrevistas com conversas paralelas ao assunto principal para dar segurança ao interlocutor. Quando fomos a Cachoeira do Brumado, distrito de Mariana, no dia 8 de agosto de 2016, mantivemos a conversa com Ana Mesquita Silva, de 100 anos, descontraída desde o início e, mesmo após os temas terem sido esgotados, continuamos em sua casa. Tal ação possibilitou que nossa entrevistada nos contasse o que estava fora dos tópicos levantados porque conduzimos a entrevista como uma conversa e, assim, demos a chance para que nossa fonte ficasse mais suscetível a respostas naturais.

Numa entrevista, esse tipo de exercício não serve apenas para quebrar o gelo entre entrevistador e entrevistado, mas também para que ambos se observem. O repórter, por razões óbvias; o entrevistado, para analisar se quem vai inquiri-lo tem uma cara confiável, se parece ter intenções amigáveis etc. (OYAMA, 2013, p. 25)

Diferente de Acácio Ramos, Eliane Brum acredita que a apuração de um repórter deve ser feita primordialmente pela escuta. A jornalista, que nomeia essa função como “escutadeira da realidade”, considera o olhar e a escuta como os dois instrumentos mais importantes de um repórter (BRUM apud MAROCCO, 2011, p. 76). Em suas entrevistas, Brum prefere deixar a fonte começar e prosseguir a história como desejar, interferindo apenas em momentos extremamente necessários. Ela também não extrai informações que o entrevistado, claramente, prefere não falar. “As pessoas me contam porque desejam me contar. Há um pacto entre a pessoa que conta a história e o repórter que escuta a história”. (p. 80)

Utilizamos a função defendida por Brum nas conversas em que percebemos que as fontes estavam predispostas a falar. Nessas situações, descobrimos histórias que, conforme Brum observa, não saberíamos se tivéssemos guiado toda a entrevista.

Narrar a vida de alguém não é tarefa fácil, principalmente quando o personagem não está mais vivo, como foi o caso dessa grande reportagem. Padre José Dias Avelar faleceu há

quase 30 anos e, por isso, foram as pessoas que conviveram com ele as nossas principais fontes. Dessa forma, a reportagem foi pautada, em sua maioria, pelas memórias. Segundo Maurice Halbwachs (HALBWACHS apud POLLAK), a memória pode ser entendida como um fenômeno coletivo, que está sujeito a mudanças constantes. Apesar disso, Michael Pollak adverte que essa característica não anula os marcos imutáveis da memória.

É como se, numa história de vida individual - mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tomam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1989, p.201)

Sabendo desses “elementos irredutíveis”, nas entrevistas levamos em conta o que Halbwachs diz sobre a concordância entre os relatos. “É porque concordam no essencial [os depoimentos], apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo” (1990, p. 25).

Ouvir essas lembranças, encontrar os pontos em comum e reconstruir os relatos foram ações que marcaram essa experiência. A responsabilidade de lidar com lembranças de outras pessoas fez com que tomássemos cuidado para nos manter fiéis ao que nos foi contado.

3. PLANO DE TRABALHO

3.1 O personagem: quem foi padre Avelar

José Dias Avelar nasceu no dia 28 de agosto de 1898 em Lagoa Santa, interior de Minas Gerais. Era filho de João Cândido Dias de Avelar e Reparata Dias de Oliveira – também professora – e tinha seis irmãos: Lindouro, Afonso, Maria dos Anjos, João, Nelson e Maria da Conceição. Em 1911, aos 12 anos, estudou no Seminário do Caraça e concluiu o curso de Humanidades, em 1915. No mesmo ano, estudou em Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde fez o Noviciado e, quatro anos depois, concluiu o curso de filosofia. Em seguida, foi para Dax, na França e em 1922, foi ordenado padre por Dom Marie-Charles-Alfred de Cormont, pela ordem dos lazaristas. (ZICO, 2000, p. 152-154)

Os Lazaristas – hoje também denominados Vicentinos – são padres, homens ou mulheres leigos da Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo na França, em 1625. Na época da fundação, Paris passava por uma época de guerra e problemas sociais. Para se dedicar a evangelização e serviço dos pobres, São Vicente de Paulo fundou a Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade.

No ano em que foi ordenado, Padre Avelar voltou para o Brasil e permaneceu no Seminário de Petrópolis para lecionar. Em 1926, foi transferido para Diamantina, “onde foi: disciplinário, procurador, professor de várias matérias no Seminário Maior e Menor e finalmente Reitor de 1936 a 1945”. (ZICO, 2000, p. 152)

Quando seu mandato como reitor acabou, padre Avelar foi transferido para a paróquia de São José, no bairro Calafate, em Belo Horizonte. Um ano depois, foi nomeado professor e diretor espiritual do Seminário São José, de Mariana, que era administrado pela Congregação da Missão. Chegou em Mariana em março de 1946, de onde nunca mais saiu.

Foram oito anos dedicados inteiramente ao seminário, quando, em 1954, padre Avelar recebeu o convite para ser diretor de uma escola recém-fundada, que pretendia dar oportunidade aos marianenses de cursar o ensino secundário, principalmente para os que não tinham como pagar. Naquela época, os colégios em atuação na cidade eram o Colégio Providência – um internato apenas para mulheres; e os Seminários Maior e Menor, destinados à formação eclesial. Por essa razão, Dom Oscar de Oliveira, na época Cônego, criou, com a autorização de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, o Ginásio Dom Frei Manoel da Cruz, com o nome em homenagem ao primeiro bispo da cidade, responsável

pela criação da primeira escola pública de Minas Gerais.

As primeiras aulas do Dom Frei aconteceram em um espaço improvisado. De noite, alguns dos padres lazaristas atravessavam a rua Cônego Amando para dar aulas nas dependências do prédio da Escola Dom Benevides, que ainda hoje fica em frente ao seminário. Devido ao espaço limitado, dividido com a Escola Primária, o número de alunos era bem pequeno.

A professora Hebe Maria Rola Santos conta em entrevista que ela, Padre Avelar e outras pessoas da comunidade carregaram os tijolos para erguer a sede do Colégio Dom Frei, que seria construído na Rua do Catete. Quando a escola já estava pronta, Padre Avelar substituiu os professores que faltavam para que os alunos não ficassem sem aula. Hebe acredita que ele seguia o exemplo de sua mãe, Dona Reparata, – mesmo a tendo perdido muito cedo –, conhecida por não repousar mesmo após o parto de seus filhos para que os seus alunos não ficassem sem aula.

Apesar da sua Congregação da Missão encerrar as atividades no Seminário de Mariana no ano de 1966, diante do pedido de Dom Oscar de Oliveira à congregação, padre Avelar foi o único lazarista a permanecer na cidade. Foi nomeado Capelão do Colégio Providência, local onde passou a morar, e pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Cachoeira do Brumado. Com sua presença, a comunidade, que só recebia celebrações às 7h e às 10h em um domingo de cada mês, passou a ter missas em domingos intercalados e, somente mais tarde, passou a realizar missas em todos os domingos, graças a oportunidade de ir de carro.

3.2 Apuração

Comecei o trabalho em julho de 2016, quando fiz algumas das entrevistas. Desde o primeiro contato com as fontes, a importância de registrar a história de padre Avelar ficou clara para mim. Além de ter sido o homem que mudou o rumo da educação na cidade de Mariana, padre Avelar tinha outro diferencial: a fama de santidade.

A dificuldade desse trabalho estava na necessidade de encontrar informações sobre um homem falecido, que morou em sete lugares: Lagoa Santa (MG), Santa Bárbara/Catas Altas (MG), Petrópolis (RJ), Dax (França), Diamantina (MG), Belo Horizonte (MG) e Mariana (MG). Por isso, para conhecer a sua vida, procurei pessoas próximas, dispostas a contar as lembranças que tinham. A primeira entrevista foi realizada com Antônio Marmo dos Santos, ex-aluno do padre e, depois, professor no colégio. Apesar de Antônio ter sido uma fonte

pouco usada na reportagem, devido à escassez das informações que me cedeu, ele também foi a chave para que eu entendesse quem tinha sido padre Avelar. A conversa foi um resumo, sem muitos detalhes, que abriu as possibilidades para o trabalho começar. Por indicação de Antônio, conversei com João Vicente de Souza, que assumiu a direção do colégio Dom Frei quando o padre morreu. Ele me apresentou informações importantes do Colégio e contou o que, segundo ele, poucos sabem: o próprio padre tinha vontade de transformar a sua escola em universidade.

Também entrevistei Hebe Rôla dos Santos, conhecida como Dona Hebe, que foi professora junto com o padre no colégio. Dona Hebe foi a fonte principal desse trabalho devido a sua convivência com o personagem. Além dela, muitas outras fontes contribuíram para a confirmação de relatos e para mostrar outros pontos de vista de um mesmo fato: Ana Mesquita Silva, conhecida como Dona Totoca, de Cachoeira do Brumado e suas filhas: Maria das Dores e Rosa, que estudaram no colégio. Suely Ulhôa, que também foi aluna no colégio, Edson Pereira Guimarães, Edson Nunes de Freitas, Célio Evangelista de Freitas, todos moradores de Cachoeira do Brumado. Juracy de Oliveira, que conviveu com o padre na igreja, Marcone Cleber Maia, ex-aluno do colégio e ex-seminarista, e, finalmente, Geraldo Borges D’Avelar, irmão por parte de pai do padre.

Para fazer muitas dessas entrevistas, precisei ir até a casa dessas fontes. Em Cachoeira do Brumado fui três vezes, uma vez apenas para conversar com Dona Totoca, no dia 8 de agosto de 2016. Voltei ao distrito, por recomendação de Dona Totoca, no dia 2 de novembro de 2016, Dia de Finados, para ver a movimentação das visitas no cemitério local. Foi impressionante acompanhar, de longe, as pessoas que depositavam flores no túmulo do padre e de sua mãe, Reparata Dias de Oliveira. Aproveitei o momento para conversar com algumas delas e entender o motivo de prestarem homenagens à família Avelar.

No mesmo dia, tive a oportunidade de caminhar pelo distrito para ir até as pessoas que ofereceram o seu tempo para contar histórias sobre padre Avelar, por meio do convite do pároco atual da igreja do distrito, padre José Geraldo Coura. A situação, na verdade, foi inesperada. Após celebrar a missa na igreja, às 8h, o padre anunciou que eu estava pesquisando a vida de padre Avelar e que, quem quisesse conversar, poderia me procurar. Eu não esperava que ele fizesse o convite e, muito menos, que as pessoas respondessem a ele. O resultado não foi outro: muitos moradores me procuraram ao final da celebração, alguns pela curiosidade, outros para recomendar fontes e outros, ainda, somente para conversar. Edson Pereira Guimarães e Edson Nunes de Freitas foram dois que me procuraram e entraram para a

reportagem. Apesar da boa vontade das outras pessoas que me procuraram, alguns dos relatos desse dia não entraram no texto, já que apenas iam reafirmar o que, naquele momento, eu começava a perceber: a importância de padre Avelar para aquele lugar. Mesmo não fazendo parte do texto, as manifestações daquelas pessoas ajudaram na percepção do peso da história de padre Avelar para Mariana.

A terceira vez que voltei a Cachoeira do Brumado, em 8 de dezembro de 2016, foi para assistir os vídeos que Altamir Monção Espírito Santo, natural de Mariana e morador de Belo Horizonte, gravou nas suas idas ao distrito. Em algumas cenas dos vídeos, padre Avelar aparece celebrando missas ou casamentos de familiares e amigos de Altamir. Apesar da chance de ver padre Avelar e observar como ele caminhava e se comportava nas confraternizações da comunidade, a experiência não foi completa. Como a gravação era antiga, foi difícil entender o que ele falava.

Também fui a Lagoa Santa, cidade natal de padre Avelar. A viagem só foi possível graças ao transporte da Ufop e, mesmo assim, demorei para conseguir. Depois de várias tentativas por e-mails e ligações, consegui a vaga para ir a Belo Horizonte no dia 18 de julho de 2017, às 4h da manhã. Quando cheguei lá, fui até a rodoviária e peguei o ônibus para Lagoa Santa. Na cidade, com o GPS, cheguei a casa de Geraldo Borges D’Avelar, irmão por parte de pai do padre.

A informação de que o padre tinha família viva nessa cidade veio dos relatos na igreja de Cachoeira do Brumado. Até então, as informações que havia conseguido sobre a família dele eram bem escassas. Em jornais da cidade, havia encontrado alguns nomes que apareciam como seus irmãos, mas, com Geraldo, descobri que um deles, Homero, sequer existiu. Essa entrevista foi importante para cobrir as lacunas que eu tinha sobre a família e a infância do padre. Também aproveitei a viagem para conhecer o centro de Lagoa Santa, imaginando como foi a vida do padre ali.

Tive dificuldades em contatar outras fontes, como a família de Afonso Avelar, que mora em Montes Claros. Mesmo com a insistência para uma possível entrevista pelo telefone, não obtive sucesso. Por isso, sem recursos para ir para uma cidade tão distante, ficou inviável incluir a família na reportagem. Outras pessoas também não manifestaram interesse em contribuir com a reportagem, dificultando o acesso às informações que poderiam complementar o texto. Não consegui localizar onde ficaram os pertences do padre, apesar de verificar as informações de que estariam no Colégio Providência.

Além das fontes, fui atrás de documentos que pudessem ajudar a reconstruir a história

do padre. A Província Brasileira da Congregação da Missão, congregação à qual o padre pertencia, concedeu um relatório enviado pelos padres lazaristas – padres que pertencem à congregação. Encontrei o livro *Congregação da Missão no Brasil*, escrito pelo padre José Tobias Zico, que em três páginas (p. 152-154) conta a história de padre Avelar. Na Arquidiocese de Belo Horizonte, consegui um certificado da certidão de batismo do padre, que contém a data em que foi batizado, além da informação de quem foram seus padrinhos.

Consegui um exemplar do livro *A Psicognomia*, de Paulo Bouts e Camilo Bouts, possivelmente traduzido pelo padre, uma vez que contém a frase “Copyright do Pe. J. Avelar, C. M.”. Além dele, encontrei livros que pertenceram ao padre na Biblioteca Pública Benjamin Lemos, em Mariana. Com a ajuda do professor Fernando Maricato, pude procurar por dedicatórias e anotações do padre.

Na Cúria da Arquidiocese de Mariana, tive acesso as cartas que Dom Oscar de Oliveira recebeu dos padres lazaristas. Nelas, encontrei duas cartas datilografadas pelo padre Avelar e outras, escritas por outros padres da congregação que se referiram a padre Avelar.

Tive acesso as fotografias doadas pela família do padre a paróquia Nossa Senhora da Assunção. No álbum, que tem uma dedicação do padre ao irmão Afonso, há fotos do padre Avelar em Mariana, ao lado do arcebispo Dom Oscar de Oliveira e, em alguns momentos, com familiares na cidade. Na casa de Geraldo Borges D’Avelar, irmão por parte de pai do padre, pude ver e reproduzir fotos em que o padre aparece com a família, além de ver outro exemplar do álbum doado a paróquia. Consegui outras fotos do fotógrafo de Mariana, Márcio Lima, que cedeu as que tinha do padre e da cidade. Também produzi fotos com detalhes da cidade de Mariana e do prédio construído pelo padre.

3.3 Texto, diagramação e fotos

Em um primeiro momento, esse produto foi pensado para ser um livro-reportagem. Busquei as informações com esse objetivo, mas, diante da inibição em escrever um texto com tamanho e linguagem características de um livro, talvez pela inexperiência, além das dificuldades em me encontrar com as fontes e conseguir outros materiais, resolvi transformá-lo em uma grande reportagem, aceitando assim a sugestão da minha orientadora, professora Agnes Mariano. Outro fator que foi decisivo nessa escolha era a falta de tempo, devido a dedicação aos estágios, que eram essenciais para me manter na cidade.

A primeira versão do texto que deu vida a reportagem ficou pronta como trabalho final da disciplina de Jornalismo Biográfico, que cursei justamente com o objetivo de superar as barreiras na escrita. Nessa época, já estava lidando com o bloqueio, que causou atrasos na conclusão do trabalho. A opção por um formato jornalístico a que eu estava acostumada foi fundamental para que eu vencesse essa inibição em escrever. É importante destacar que a ausência de referências de trabalhos similares também foi uma dificuldade. Conhecer as grandes reportagens mostradas pela minha orientadora foi essencial para entender esse formato jornalístico, além de ter inspiração para o projeto gráfico.

Apesar das idas e vindas que causaram o atraso, é possível notar agora que a escolha por essa modalidade de texto tornou o produto mais adequado para o seu fim: divulgar a vida de padre Avelar de forma acessível. Ao contrário do livro, que para ser publicado sairia muito mais caro, a grande reportagem não dificulta a publicação e torna a leitura uma experiência agradável por causa da sua diagramação. Por esse motivo, diagramei o texto para que fosse impresso e levado até as pessoas que possibilitaram a sua construção, já que são pessoas idosas, que não costumam acessar a internet.

Escolhi diagramar a reportagem em tamanho A4, estruturando o conteúdo em 36 páginas, com uma capa simples. Utilizei a fonte tipográfica “Eras Light ITC” para subtítulos, “Eras Medium ITC” para o título da reportagem “O anjo que se vestia de preto” e “Garamond” para o texto da reportagem. A impressão foi feita em papel offset 90g, colorida 4x4.

As fotos foram tiradas, em sua maioria, por mim. As que mostram padre Avelar são reproduções que fiz de fotos que já existiam ou concessões do fotógrafo Márcio Lima. Todas foram pensadas para representar, principalmente, a cidade de Mariana. Márcio também me concedeu algumas da cidade antigamente. Também consegui fotos do Santuário do Caraça com a Revista Sagarana, que autorizou o uso.

Achei importante inserir fotos das três fontes que mais aparecem: Dona Totoca, Dona Hebe e Seu Geraldo D’Avelar. Os três têm participação importante na reportagem e, por isso, imaginei que mereciam ser destacados e conhecidos pelos leitores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de uma grande reportagem de cunho biográfico nos mostrou como é lidar com a elaboração de uma história de fôlego, que exige extrema pesquisa e dedicação. Para falar de padre Avelar, era necessário mergulhar na sua vida, assumir o papel de “possessão”, definido por Roger Dadoun, de maneira que não soubéssemos distinguir o exterior do interior (DADOUN apud DOSSE, 2009, p.14). Dessa forma, nos últimos 18 meses, nossa vida se tornou a vida de padre Avelar.

Tudo nos remetia a ele. Viver na mesma cidade, frequentar os mesmos lugares, ir ao encontro de pessoas que ainda o mantêm vivo na memória, todas essas experiências tornaram o processo de pesquisa e escrita mais intensa. Era como se conhecêssemos o padre. As memórias das pessoas entrevistadas, tornaram-se nossas memórias.

Ficou claro durante o processo a necessidade de “amar suficientemente” a obra, a ponto de sacrificar um longo período da nossa vida buscando conhecer outra pessoa. (DOSSE, 2009, p. 15) Se não fosse a curiosidade pela vida do padre e a percepção da importância de divulgá-la para uma cidade que, para além dos que o conheceram, não parece interessada em manter viva sua memória, seria possível não chegar ao fim. Esse amor pela obra esteve presente durante todo o processo de apuração e escrita, mas com ressalvas.

Francis Dosse afirma que, mesmo que a afeição deva existir, é preciso estabelecer certa distância para não comprometer a crítica, “capaz de pôr em perigo sua identidade”. Deste modo, é preciso destacar que não coube a nós rotular o padre de santo. A constatação veio das próprias pessoas que conviveram com ele e viam, na sua forma de levar a vida, atitudes fora do comum, que se destacavam em meio a “normalidade” a qual estavam acostumadas. A nós, esteve imposta a responsabilidade de tratar essas características de forma que mostrasse que era santo pelo que transparecia, pela vida que levava, por desejar e fazer o bem aos outros e não pela forma como normalmente santos são retratados: por milagres.

As pessoas entrevistadas foram solícitas e, apesar de acharem que não poderiam contribuir o quanto pensavam que nós desejávamos, desdobravam-se para procurar fotos, lembrar nomes e sugerir outras fontes. As conversas, em sua maioria, foram descontraídas, rodeadas por cafés e almoços, sem a pressa e a formalidade recorrentes ao jornalismo diário. Estavam dispostas a partilhar tudo o que lembravam e, em meio a momentos que consideravam inusitados demais, faziam questão de afirmar “eu vi, eu estava lá”.

A nossa visão de padre Avelar, conforme Vilas Boas (DOSSE, 2009, p. 13-14) lembra, é apenas uma parte do que pode ter sido a sua vida. Escrever sobre a vida de alguém é

um trabalho que não tem fim. Não cabe a nós extinguir o assunto e dar ao leitor a “ilusão de um acesso direto ao passado”, uma vez que diante de uma história abrem-se pistas novas, que podem levar-nos a outra direção.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2004

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

FONSECA, Virginia; VIEIRA, Karine. A biografia como acontecimento jornalístico. **Líbero**, v. 14, n. 28, p. 99-108, 2011. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/6-A-biografia-como-acontecimento-jornal%C3%ADstico.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEITE, Marcelo; ALMEIDA, Lalo; GERAQUE, Eduardo. Líquido e incerto: o futuro dos recursos hídricos no Brasil. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua/>> Acesso em: 15 fev. 2018.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Ângela; CAPOVILLA, Julia. Eu sou uma escutadeira. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012, p. 71-92.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.200-215

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Porto: Letras Contemporâneas, 2001.

ZICO, Padre José Tobias. **Congregação da Missão no Brasil**: Resumo História 1820-2000. Contagem: Lithera Maciel.

_____. Morte no Paraíso: A Tragédia de Stefan Zweig. Disponível em: <<http://www.rocco.com.br/livro/?cod=2203>>. Acesso em: 10 jul. 2016.